

O INQUIETANTE E O ROMPIMENTO DO EU: “IGUANA... O LAGARTO”, DE ASIA ALI MUSA

THE UNSETTLING AND THE RUPTURE OF THE SELF: “IGUANA... THE LIZARD”, BY ASIA ALI MUSA

Laura Faria Porto Borges¹

Resumo: O conto árabe contemporâneo assume diversas e variadas formas; a escrita curta e intensa de Asia Ali Musa parece explorar formatos até então estranhos ao universo literário tradicional e conhecido das produções em língua árabe das últimas décadas. Neste artigo, apresentamos a tradução (acompanhada de reflexões relativas ao próprio processo tradutório) do conto “Iguana... o lagarto” (*al’iguana... alhardhun*). Fazendo uma referência explícita a Tennessee Williams, o conto apresenta uma linguagem enigmática e poética, inundada de metáforas inusuais, que cobrem uma perspectiva subjetiva da experiência do ser feminino em transformação.

Palavras-chave: Conto árabe; Literatura argelina; Tradução; Asia Ali Musa; Tennessee Williams.

Abstract: The contemporary Arab short story takes on various and diverse forms – the short and intense writing of Asia Ali Musa seems to explore formats previously unfamiliar to the traditional literary universe of Arabic-language productions in recent decades. In this article, we present the translation, along with reflections on the translation process itself, of a short story named “Iguana... the Lizard” (*al’iguana... alhardhun*). Making an explicit reference to Tennessee Williams, the story presents an enigmatic and poetic language, flooded with unusual metaphors, which cover a subjective perspective of the female experience in existence.

Key words: Arabic short story; Algerian Literature; Translation; Asia Ali Musa; Tennessee Williams.

DO CONTO

“Iguana... o lagarto” é um texto que poderia ser descrito, entre tantos outros adjetivos pertinentes, como obscuro ou enigmático. Partindo de um fluxo de consciência bastante intenso e penetrante, a linguagem utilizada é cuidadosamente empregada, repleta de jogos de palavras, metáforas e ambiguidades. Asia Ali Musa é uma escritora argelina, além de tradutora e editora da Mim Edition², onde publicou uma coletânea de contos (ou

¹ Bacharela em Letras Português-Árabe pela Universidade de São Paulo e membro do grupo TARJAMA (CNPQ/USP). Atualmente, atua como monitora do Centro de Estudos Palestinos da USP (CEPal - FFLCH/USP). Link para a Plataforma Lattes: <https://lattes.cnpq.br/5623577781499465>. Email: laurafpb@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5799-8532>

² A Mim Edition (*Dar Mim lin-nachr*), é uma editora situada na Argélia, que publica anualmente livros de literatura, poesia, crítica literária, estudos culturais e filosofia. Dentre os prêmios recebidos pela editora, estão: International Booker Prize, Prêmio Tayeb Salih e Prêmio da Autoridade Literária de Charja, entre outros.

■ traduções e perspectivas literárias

“cartas”) chamada “Cartas a Adão” (*rasā'il ila Adam*)³, em tradução livre. É nesta coletânea que é possível encontrar o conto “Iguana... o lagarto”, traduzido no contexto dos encontros do grupo de tradução Tarjama USP/CNPQ e apresentado neste artigo.

A recente publicação do conto não nos permite localizar a escrita de Asia em classificações literárias ou históricas, contudo, apresenta um cenário de discussões e análises frutíferas e pertinentes: como podemos observar esta manifestação literária contemporânea, com temas que ela traz? Talvez, precisamente por não possuirmos respostas exatas, é que a importância da tradução de textos de recente publicação, como esse, torna-se relevante na discussão literária. Para além desse escopo, podemos pensar em uma perspectiva de diálogo cultural e aproximação literária. Onde é possível aproximar-se da literatura brasileira e onde é possível determinar as distâncias e as diferenças, no caso específico deste conto?

Os contos do livro poderiam ser entendidos como um fluxo: são “mensagens” (uma das possíveis traduções para a palavra *rasā'il*, além do já mencionado “cartas”) que consistem em cenas, muitas vezes surrealistas, que parecem servir à uma tentativa de conexão com algo profundamente desconfortante presente na experiência humana feminina. Ora parece tratar-se de um pedido de socorro ou salvação, ora de uma liberação de uma energia que levará à destruição total ou à emancipação completa do ser. Asia procura retratar ou construir um homem que não existe, um “Adão” fruto de sua própria criação. Ela imagina, inclusive, perdê-lo antes mesmo de terminar de criá-lo, o que acaba por gerar uma reação inteiramente autofabricada que poderia, talvez, ser comparada ao que chamamos de “epifania”, na literatura de Clarice Lispector.

Como a escritora brasileira, o problema de estilo e expressão são colocados, no conto de Asia, através de uma linguagem de procura e penetração nos mistérios da existência e uma tensão psicológica intensa é instaurada. Para citar um texto de Antonio Candido (1970, p. 129) sobre uma Lispector recém-estreante, que faz sentido se aplicado aqui: “os vocábulos são obrigados a perder seu sentido corrente para se amoldar às necessidades de uma expressão sutil e tensa”. A “epifania” do conto de Asia parece levar a personagem a um estado de rompimento total com o mundo, conduzindo-a à sua própria autodestruição. Esse processo acontece através da linguagem, como no conto *Amor*, de Lispector, que revela um “descortínio contemplativo silencioso que intercepta o circuito verbal”, segundo a análise de Benedito Nunes (1973, p.83). Assim, ela se vê “presa em meio a ilusões de uma criação que nunca será concluída”, nas palavras da própria personagem de Asia.

A personagem parece retornar, internamente, a um passado mítico, um passado com seu Adão imaginário, dizendo: “e havia, no nosso reino, dinossauros de estimação que nos transportavam da floresta de seu isolamento – aqui, ela se refere a um “tu”, Adão – para

3 *Rasā'il Illa Adam*, Mim Edition, 2011.

■ traduções e perspectivas literárias

os mundos da minha aglomeração, e os pássaros falavam nossa língua"⁴. Experienciamos, com ela, a amargura de uma contradição que surge entre nutrir sua alma com ilusões e atormentá-la com a destruição destas mesmas ilusões, criadas por ela mesma. Ela fala sobre seus pensamentos e sobre um mundo que não é bem o mundo que está diante de seus olhos, mas sim, um mundo do qual ela se lembra, e sonha, repetidamente. O movimento de sua escrita não parece ser, contudo, puramente subjetivo e abstrato, mas também assume certas conotações políticas, à medida que a questão de gênero (e o sofrimento causado por ela) é, o tempo todo, escrutinada. Isso está presente nos verbos, nos pronomes, nas referências históricas e míticas: eu, mulher *versus* você, homem, Adão (a cisão do “eu”, simbolizada por essa aparente oposição, é explorada um pouco mais adiante).

A partir desse questionamento, surgido das profundezas de uma existência feminina no devir existencial em mudança, há uma constatação de uma humanidade que persiste no erro, na injustiça e na crueldade. O texto torna-se uma voz que desafia as estruturas da sociedade patriarcal, evidenciando suas violências e insurgindo-se contra elas. Contudo, apesar de arriscado, parece fazer sentido olhar para o conto de Asia como uma manifestação literária surrealista à medida que exerce um papel mais interrogativo e menos político (apesar de tampouco o deixar de ser). Numa análise de R. Barthes,

a literatura é pelo contrário a própria consciência do irreal da linguagem: a literatura mais “verdadeira” é aquela que se sabe a mais irreal, na medida em que ela se sabe essencialmente linguagem, é aquela procura de um estado intermediário entre as coisas e as palavras, é aquela tensão de uma consciência que é ao mesmo tempo levada e limitada pelas palavras, que dispõe através delas de um poder ao mesmo tempo absoluto e improvável. (2007, p. 79)

O surreal, o absurdo e o mítico estão presentes a todo momento. A referência mais clara do texto, além da referência bíblica a Adão, é à peça de teatro (que acabou por se tornar um filme, estreado em 1964) do dramaturgo estadunidense Tennessee Williams, chamada *A Noite da Iguana*, inspirada em um homônimo conto breve, escrito em 1948⁵. A peça, estreada em 1961, conta a história de um pastor excomungado que se torna guia turístico no México e acaba se envolvendo com uma garota menor de idade, que fazia parte de um *tour* pertencente a uma igreja nos Estados Unidos. Este personagem, Shannon, é assombrado por diversos fantasmas de seu passado e de sua própria consciência, apesar de não deixar de possuir valores pessoais que fazem sentido para ele, justificando e fundamentando seu rompimento com a igreja e com os dogmas cristãos. Para ele, Deus é erroneamente conceptualizado pela religião e até mesmo diminuído:

4 Este trecho, apesar de pertencer ao livro *rasā'il ila Adam*, encontra-se fora do conto “Iguana... o lagarto”. Foi retirado de um artigo da revista de estudos culturais Alrāfid, vinculado ao departamento de cultura do Emirado de Sharjah (<https://arrafid.ae/>), escrito por Amal Aljamal, sobre o romance. O artigo está disponível em https://www.djelfainfo.dz/ar/mag_cult/6313.html. Último acesso em 06 de Janeiro de 2025.

5 O conto aparece, primeiro, no livro *One Arm and Other Stories*, de Williams, publicado pela editora New Directions 1948).

■ traduções e perspectivas literárias

Estou farto de conduzir serviços em louvor e adoração de um delinquente senil [...] Todas as suas teologias ocidentais, toda a sua mitologia, são baseadas num conceito de Deus como um delinquente senil [...] esse homem velho e petulante. Quero dizer, ele é representado como um velho com um infantil mau humor, um velho doente, rabugento [...]. Quero voltar à igreja e pregar o evangelho de Deus como o Raio e o Trovão... (William Tennessee, 1961, p. 368-369, tradução livre.)

Shannon, contudo, nunca poderá retornar à sua antiga função, pois não é capaz de encontrar o Deus que sua congregação protestante louva - algo foi fundamentalmente quebrado para sempre (Beatrice O'Donnell, 1965, p.41). Inclusive, quando essa cena acontece, Shannon está na varanda do hotel, onde a história se passa. Observando o céu, ele presencia uma grande tempestade no horizonte. Frente à majestosa violência da natureza, ele tenta explicar sua própria noção de Deus:

Aí está ele! Esse é ele, agora! (Ele aponta para uma labareda, uma luz dourada apocalíptica e majestosa, cruzando o céu enquanto o sol toca o Pacífico) Sua majestade absorta – **e aqui estou eu nessa... sacada dilapidada** num hotel barato, fora de estação, em um país decadente e destruído em sua própria carne, corrupto em seu espírito por seus conquistadores famintos por ouro que carregavam a bandeira da inquisição junto com a cruz de Cristo. (Williams Tennessee, 1961, p. 370, grifo nosso tradução livre).

Há, novamente, uma referência clara a essa cena no início do conto de Asia: “A noite se alonga, e eu, de pé, na varanda de um quarto solitário, contemplo o céu”. Neste breve trecho da peça estão presentes vários dos temas abordados no conto, como uma furiosa indignação frente à hipocrisia que fundou nossa sociedade, os dogmas bíblicos e religiosos e, fundamentalmente, a violência da natureza humana e não-humana. A indignação de Shannon contra a instituição da igreja parece se originar de uma hipocrisia e de uma limitação presente na ideologia perpetuada pela religião, limitação que o torna, segundo sua própria régua moral, mais íntegro do que seus ex-pares clérigos. Logo em seguida, há o momento da captura da Iguana. Alguns personagens mexicanos que trabalham no hotel capturam juntos uma iguana, para ser sacrificada e comida no outro dia, numa “festa”. Eles a amarraram com uma corda e planejam matá-la no outro dia. Ao final da peça, a personagem Hannah convence Shannon a libertar a iguana, que ainda estava presa. Ele concorda em “brincar de Deus dessa vez”, e a solta (O' Donnell, 1965, p. 43).

Um dos aspectos mais discutidos na peça é um *étrangement* (Pere Salabert, 2011, p. 85), uma subjetividade imersa em experiências incômodas que insistem, no caso dessa história em particular, em colocar em dúvida (ou destruir completamente) as certezas materializadas pela moral cristã ocidental. O que é moral, o que é ético, o que é certo? O que nunca deveria ser exposto à luz, mas acabou sendo e, com isso, revelando aspectos pútridos da nossa própria sensação de justiça?

■ traduções e perspectivas literárias

Essa “estranheza” de *A Noite da Iguana* é, muitas vezes, associada ao conceito freudiano de *Unheimlich*⁶ - termo que desafia traduções simples ou óbvias. O que é “inquietante” ou, numa possível tradução ao inglês, “uncanny”, refere-se a experiências que levam a uma despersonalização e uma possível perda de identidade, o que pode levar ao “duplo”, na literatura (Salabert, 2011, p. 85). A cisão do “eu” é, no conto, materializada pela oposição de um “eu” representado pela voz principal e subjetiva das cartas *versus* um “Adão” imaginado por este mesmo “eu”. A despersonalização que decorre dessas “experiências incômodas” parecem levar a um enfraquecimento do sentimento de identidade e a uma sensação de surrealidade. Como no conto de Asia, nenhum dos personagens parece ter seu próprio lugar no mundo na peça. Apesar de curto, o conto de Asia é tudo, menos banal. É, ao contrário, intensamente penetrante e provocador, além de possuir uma beleza poética que se justifica por si só, e o esforço de transferir isso para outra língua se materializa no processo de tradução desse texto.

DA TRADUÇÃO

O processo de tradução iniciou-se, logicamente, a partir de uma primeira leitura do original em árabe. Como já mencionado, a linguagem utilizada possui um teor enigmático que inclui jogos de palavras, ambiguidades e sentidos não usuais de certos termos. A princípio, foi necessário anotar todas as dificuldades e obstáculos para a compreensão do texto. A leitura coletiva do conto foi fundamental, pois permitiu a discussão de questões sintáticas, semânticas e gramaticais que foram cruciais para a compreensão e, claro, para a tradução.

Acredito que a maior dificuldade neste conto foi a ambiguidade das sentenças. Por exemplo: em grande parte do conto, a voz narradora se dirige a um “tu” - isso é evidenciado pela sintaxe e gramática do árabe, que possui o pronome pessoal acoplado ao verbo, nesse caso, a segunda pessoa do singular. Contudo, quando passada ao português, a frase se torna ambígua. Assim, no trecho: “O que há comigo, estou me transformando numa iguana que se debate entre ilusões que têm a idade da tua criação?”⁷. A princípio, numa primeira tradução, a forma utilizada foi “sua criação”, o que tornava a frase ambígua na medida que o pronome “sua” pode se referir tanto a uma terceira pessoa do singular, “ele/ela” como, no uso mais comum do português brasileiro, à segunda pessoa do singular, “você”. Ao trazer essa questão, a solução que encontramos foi trocar o “sua” por “tua”. Ambiguidade essa, por exemplo, que não precisou ser resolvida ao final do conto, no trecho “porque você vai querer sua alma”, pela explicitação do “você”. A mistura dos pronomes de tratamento não nos pareceu um problema, já que o uso repetido do “tu” nesse segundo caso nos pareceu mais

⁶ Literalmente “não + familiar”, o termo *Unheimlich* ganhou uma brilhante análise linguística e etimológica em S. FREUD, *Das Unheimliche*. Stuttgart: Reclam, 2020.

⁷ *Ma li atahawwalu ila iguana bayna awhamin bi-umri khalqika*

■ traduções e perspectivas literárias

artificial e estranho ao leitor brasileiro. Além disso, a mistura dos tipos de pronomes é amplamente usada e comum no português brasileiro contemporâneo e não traria danos ao texto como um todo. Uma questão estilística, em termos simples.

Os verbos também apresentaram um desafio: a exemplo, o verbo *qadhafa* e *laqqaha* que foram respectivamente traduzidos como “ejacular” e “fecundar”. Seria possível dizer que essa tradução carrega, por si só, uma interpretação do texto. O primeiro verbo, *qadhafa*, poderia também ser traduzido por “lançar”, “jogar”, “arremessar” e até “vomitar”⁸, e a mesma raiz também engloba significados pertencentes a um campo semântico bélico, como “apedrejar” (*qaddhaf*), “projétil”, “míssil” ou “granada” (*qadhifa*). Já o segundo verbo, *laqqaha*, pode ser traduzido por “fecundar” ou “inocular”⁹, e é interessante notar que a raíz deste verbo é de onde derivou-se a palavra do árabe contemporâneo para “vacina” (*liqah*) - ou seja, há um escopo semântico que endossa determinadas interpretações do termo. A justificativa dos verbos escolhidos na tradução vem do uso da palavra “útero” (*rahm*), relacionada, no texto, ao primeiro verbo. O próprio texto indicou uma área semântica a partir da escolha dos vocábulos específicos, e, apesar do significado ser mais ambíguo no original, pareceu-nos lógico procurar seguir a direção do campo semântico evidente, no caso, o da fertilização (um campo mais sutil, que acabou por ficar omitido na tradução, é o da guerra e do conflito. No original, esses significados coexistem).

Houve também um momento em que se preferiu a transliteração da palavra em árabe à sua tradução, no caso, a palavra *ghurba*. Por se tratar de um termo específico e carregado de significados pertencentes a um contexto particular, lançamos mão do recurso do empréstimo linguístico. *Ghurba* poderia, claro, ser traduzido por vários termos, como “estranhamento”, “sensação de nostalgia”, “estranheza”, “sentimento de não pertencimento”. É a sensação de ser estrangeiro, de estar longe de casa ou em um terreno não familiar. A isso se conecta o conceito já mencionado de “*Unheimlich*”, na medida em que os dois termos, com suas próprias particularidades, trazem algo de um desconforto profundo que toca no campo do que é não-familiar, não-acolhedor. A decisão de manter o termo em árabe justifica-se tanto pela explicitação positiva (ao menos dentro de certas subjetividades) da presença da língua árabe no texto traduzido quanto pela conservação das nuances culturais da palavra. As estranhezas que permeiam o conto são reveladoras da nossa própria complexidade enquanto humanidade, e, enquanto paradoxal, os enigmas revelam o que antes estava oculto, para o bem e para o mal.

Iguana... O lagarto¹⁰

Asia Ali Musa

8 Ver *Diccionario avanzado árabe* (Federico Corriente, 2005, p. 929).

9 Idem, p. 1061.

10 Traduzido do árabe por Laura Faria Porto Borges e revisado por Alexandre Facuri Chareti.

■ traduções e perspectivas literárias

Adão...

A noite se alonga, e eu, de pé, na varanda de um quarto solitário, contemplo o céu. O que será que procuro?

É uma noite de verão sem luar, e as estrelas no horizonte se incendeiam. O Norte envia uma brisa marinha que passa pelo corpo árido do Sul. Desfruto de sua generosidade e fecho meus olhos para que meus pulmões a absorvam com deleite. Pode ser que esses ventos não se repitam em todas as noites de verão escaldante!

“A Noite da Iguana”... Lembro-me de Tennessee Williams e a noite da iguana acorrentada e torturada até o amanhecer.

Há, em terras quentes e longínquas, rituais estranhos de verão que duram uma única noite. Um animal é preso por correntes e as pessoas se divertem ao torturá-lo até a morte.

Há também, em terras não tão distantes, outro ritual. Acontece uma vez por ano e é chamado de “corrida”... suas iguanas são os touros.

E em terras muito, muito próximas, há iguanas que são macacos nus da linhagem humana, acorrentados pela vida inteira, esperando o momento da salvação... o momento do amanhecer!

Continuo esperando, e embora não haja luar nesta noite, ela está iluminada.

Estrelas desabam das alturas, umas sobre as outras, e eu as vejo, como se fossem demônios escalando a garganta do céu.

Elas competem caçando as notícias do universo e seus segredos, como se fossem apedrejadas por anjos guardiões.

Apesar disso, o mito me atrai, e eu retiro de dentro de mim um desejo. Fecho meus olhos, como nos filmes, e formo uma frase simples que ejaculo no útero do universo, amarrada numa estrela que morre. Quem dera, ela pudesse me fecundar com notícias de mundos passageiros sobre Adão:

“Oh, estrela efêmera... leve com você meus desenganos e me retorno para Adão”.

Adão...

Por que vejo você se distanciando?

Por que eu deveria me transformar numa iguana que se debate entre ilusões que têm a idade da tua criação?

Por que eu a vejo se torturando?

Quão ignorante você é, Adão! Quão limitado você é!

Até mesmo essa espera é uma prisão, e eu já me vi dando voltas no teu corpo celeste, vivendo na tua órbita e acertando a minha vida segundo o teu horário.

Tornei-me hábil nos cálculos, na subtração e na adição, e inábil na divisão e na multiplicação.

Adiciono frustrações ao meu ciclo.

■ traduções e perspectivas literárias

Subtraio felicidades da minha vida.

Adiciono, a você, o teu eu, e me subtraio de mim. Divido-me por tuas costelas e me multiplico por tuas mentiras.

Então “o um permanece um, se multiplicado por ele mesmo ou dividido por ele mesmo, ele continua um”.

*

O frio, Adão, a noite longa e todos os meus cálculos/sonhos frustrados, como aquelas estrelas efêmeras. Apedrejo com elas os demônios que embaralham meus desejos, mas elas sempre retornam a um mundo de neblina.

Como este mundo é frio, Adão...

E ainda não foi concluída a tua criação. Mas ela acontece? Vai, realmente, acontecer?

Na varanda, ventos gelados, todo o meu corpo treme, e a camisa de dormir não me aquece.

Compensamos o calor com roupas, e com fantasmas, a solidão e as ilusões das criaturas!

Pois, será que enquanto te igualo, eu busco o meu fim?

Será que eu vou me transformar, inevitavelmente, numa iguana, à espera da salvação, do momento do amanhecer?

O quanto me tortura a chance de te perder...

Muitas vezes procuro imaginar te perder antes mesmo de você ter sido criado. Masoquismo da minha natureza? Não sei.

Muitas vezes sufocamos a nós mesmo com nossas próprias mãos, com nossas esperanças infectadas.

Transformamo-nos assim em iguanas estúpidas, que combatem uma noite concebida pela *ghurba* e uma corrente concebida pelo sonho, enquanto procuram a hora da libertação/morte/suicídio.

A noite continua a arruinar-se pelas entranhas do universo, e eu continuo sem acreditar que você vai partir antes de chegar.

Essas estrelas vãs, essa iguana, eu e você somos seres de ilusão.

Porque você vai querer sua alma... sei disso... e eu também vou querer a minha.

Todos somos iguanas torturadas numa noite de vida...

Todos somos iguanas acorrentadas a esperar.

الإيغوانا / الحرذون

آدم...

الليل يطول وأنا أقف بشرفة غرفة العزلة أرنو إلى السماء، عما تراني أبحث؟

الليلة صيفية غير مقرمة ونجوم الأفق تنهب، نسمة بحرية سربها الشمال إلى جسد الجنوب الفاحل، أغتنم سخاءه

وأغمض عيني لتمتصها رئتي بتلذذ. قد لا تذكر نسماته كل ليالي الصيف القائل!

ليلة الإيغوانا... أذكر تينسي ويليمز وليلة الإيغوانا المقيدة، المعذبة حتى يحل الغجر.

هناك في البلاد الحارة البعيدة طقوس غريبة تحملها ليلة صيف واحدة يقيّد فيها الحيوان ويسلّى الناس بتعذيبه حتى الموت.

هناك في بلاد غير بعيدة، طقس آخر، يأتي مرة في السنة، يدعى الكوريدا...
إيغواناته ثيران.

وهناك في بلاد قريبة قريبة إيغوانات قردة عراة من سلالة البشر على مدى العمر مقيدة تنتظر ساعة خلاص... ساعة فجر!!

وما زلت أنتظر، مع أن الليلة ليست مقرمة إلا أنها مضيئة.

نحوم تنهوى من السماوات العلا كأنني أراها تلك الشياطين تتسلق عنق السماء.

تنسابق في اقتناص أخبار الكون وأسراره، كأنني أراها ترجم من قبل ملائكة حارسين.

ومع ذلك تشندي الخرافية وأخرج من جوفي أمنية، أغمض عيني كما في الأفلام وأشكل جملة بسيطة أقذفها في رحم الكون مربوطة بنجمة تموت، علّها تلّفج لي من عالم الزوال أخباراً عن آدم:

"يا أيتها النجمة الزائلة.. احملني معك خيالي واعيدهني لأدم"

آدم ..

ما لي أراك تبتعد؟

ما لي أتحول إلى إيغوانا تختبئ بين أوهام بعمر خلفك؟

ما لي أراها تتعدّب؟

ما أجهلك يا آدم! ما أضيقك يا آدم!

حتى هذا الانتظار سجن ولقد رأيتني أدور في فلاك وأعيش في مدارك وأضبط عمري بتوقينك.

صرت بارعة في الحساب، الطرح والإضافة، خاتمة في القسمة والضرب.

أضيف إلى دورتي خيبات.

وأطرح من عمري سعادات.

أضيف إليك أناك وأطرح مني نفسي، أقسمني على ضلعاًتك، أضربني بكتباتك

لـ: يظلّ الواحد واحد، إن قسمته على نفسه أو ضربته في نفسه يبقى واحد.

*

البرد يا آدم والليل طويل وكل حساباتي/ أحالمي خاتمة، كما تلك النجمات الزائلة، أرجم بها شياطين تشوّش أمنياتي لكنها تزول دائماً إلى عالم من ضباب.

ما أبرد العالم يا آدم...

ولم يستكمل خلفك بعد. فهل يحدث؟ هل حقاً سيحدث؟

بالشرفة نسمات برد وأوصالي ترتعش وقبيص نومي لا يؤمن لي الدفء.

نستعيض بأثواب على الدفء وأطيف على الوحدة وأوهم من خلق!

فهل وأنا أسوّيك أبحث عن نهايتي؟

هل سأتحول حتماً إلى إيغوانا تنتظر الخلاص ساعة فجر؟

لكم يعذبني احتمال فنك..

كثيراً ما أتعمد تصور فنك قبل خلفك. مازوخية بطيء؟ لا أعلم.

كثيراً ما نحكم قبضتنا على أنفسنا بأيدينا، بآمالنا الموبوءة.

فتحول إلى إيغوانات غبية تصارع ليلاً صنعته غربة وتصارع قيّداً صنعه حلم، وتبثث عن ساعة انعقاق / موت / انتحار.

ما زال الليل يخرب في كرش الكون، وما زلت لا أصدق أنك قبل المجيء سترحل.

هذه النجوم الأفلة وتلك الإيغوانا وأنا وأنت كائنات من وهم.

لأنك ستريد روحك.. أعلم.. وسأريد روحني أيضًا.
كلنا إيجوانات معدنة في ليلة عمر..
كلنا إيجوانات مقيدة تتنظر.

REFERÊNCIAS

- BARTHES, Roland. *Crítica e Verdade*. São Paulo: Perspectiva, 2007.
- CANDIDO, Antonio. “No raiar de Clarice Lispector”. In *Vários Escritos*. São Paulo: Duas Cidades, 1970.
- CORRIENTE, Federico Ignacio Ferrando. *Diccionario avanzado de árabe*. Barcelona: Herder, 2005.
- FREUD, Sigmond. *Das Unheimliche*. Stuttgart: Reclam, 2020 [1919].
- MUSA, Asia Ali. *Rasā'il Ila Adam*, Mim Edition, 2011.
- NUNES, Benedito. *Leitura de Clarice Lispector*. São Paulo: Quíron, 1973.
- O'DONNEL, Beatrice. *An examination of the female characters in Tennessee Williams' Sweet bird of youth, The night of the Iguana, and The miltrain doesn't stop here anymore*. Dissertação de mestrado: Universidade Católica da América (Catholic University of America), 1965.
- SALABERT, Pere. “From Aesthetic Experience to the Loss of Identity, in Three Steps”. In CHATEAU, Dominique. *Subjetivity: Filmic Representation and the Spectator's Experience*. Amsterdam University Press, 2011. DOI: <https://doi.org/10.1515/9789048514205-008>.
- WILLIAMS, Tennessee. *The Night of the Iguana*. Nova Iorque: New Directions, 1961.



Artigo licenciado sob Licença Creative Commons (CC-BY-NC-SA)
<https://creativecommons.org/licenses/by-sa/4.0/>